

## **DIALOGANDO COM A IGREJA CATÓLICA: FONTES ORAIS E DISCURSO INSTITUCIONAL**

**Fabício Roberto Costa Oliveira\***  
**Arnaldo José Zangelmi\*\***

Este artigo expõe reflexões a partir de uma experiência de pesquisa em que utilizou-se entrevistas orais na perspectiva de analisar a atuação de grupos progressistas na Arquidiocese de Mariana durante o arcebispado de Dom Oscar de Oliveira (1960-1988), bem como o processo de transformações pelas quais passou a Instituição na década de 1990. Ao longo da pesquisa, percebemos que os atores sociais tinham um discurso com características comuns. É isso que vamos explorar neste artigo.

O texto é fruto da experiência de pesquisa e pretende demonstrar que os padres da Arquidiocese de Mariana, bem como seu arcebispo Dom Luciano Mendes de Almeida (1988-2006) têm um discurso comum, que chamaremos aqui, de “institucional”. Empiricamente, o trabalho baseou-se em documen-

tos, muitos deles escritos e arquivados pela Arquidiocese, e também em relatos orais. Assim, o estudo combinou mais de um método ou técnica de pesquisa: a entrevista oral e a análise documental<sup>1</sup>, que foram complementados por anotações de um caderno de campo utilizado para registrar dados relevantes do contexto de interação social.

Alguns poderiam argumentar que os documentos arquivados pela Arquidiocese, que não são poucos, poderiam responder às questões propostas pelo nosso trabalho, mas não podemos perder de vista que “mesmo as camadas sociais que manuseiam com frequência a escrita encerram na memória conhecimentos e lembranças que se perdem na lufa-lufa cotidiana, e que, uma vez gravados, enriquecem o acervo de documen-

\* Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: frcoliveira@yahoo.com.br

\*\* Mestre e professor na Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: arnaldozan@yahoo.com.br

tos presentes” (QUEIROZ 1983, p.67). Assim, as entrevistas orais tinham papel importante ao revelar aspectos que se articulam em lógicas distintas da produção de fontes escritas, mostrando articulações não registradas, aspectos das representações que o escrito não absorve.

Por meio da análise dos documentos não conseguiríamos perceber aspectos referentes à participação dos atores sociais no momento em que a Arquidiocese não se mostrava receptiva às ideias religiosas progressistas; e conforme afirma Becker (2005), procurar diversidade de fontes é um mecanismo importante para maior confiabilidade da pesquisa. Nesse sentido, vale lembrar também que os relatos orais poderiam trazer à tona acontecimentos de situações mais informais como as divergências e os conflitos internos à Arquidiocese.

Dessa forma, a entrevista oral mostrava-se muito útil à nossa pesquisa, pois através da oralidade poderíamos produzir<sup>2</sup> documentos reveladores, que estaríamos impossibilitados de acessar, a não ser pelo depoimento dos atores sociais. Por essa capacidade de acessar dados, as entrevistas orais apresentam peculiaridades em relação a outros métodos de pesquisa e uma heterogeneidade muito grande de uso, tanto no que diz respeito às formas de utilização como no que se refere à diversidade de áreas de conhecimento em que elas podem ser usadas.

Estávamos numa situação em que a entrevista oral poderia nos ser de extrema utilidade, pois os padres, militantes religiosos e o próprio arcebispo poderiam trazer informações elucidativas a respeito das transformações na Arquidiocese de Mariana, da receptividade às ideias da Teologia da Libertação<sup>3</sup> e das formas de atuação política da Instituição.

Nesse sentido, estabelecemos contatos com esses atores sociais para a realização da pesquisa. Momentos relevantes desses contatos e informações do andamento da pesquisa serão narrados neste texto. No primeiro tópico, vamos contextualizar a pesquisa, destacando nossos principais interesses,

ou seja, aqueles que nortearam nosso trabalho. Posteriormente, investiremos na perspectiva teórica em que destacaremos a Igreja Católica enquanto Instituição, para que isso nos sirva de subsídio na análise das entrevistas. Na terceira parte, elucidaremos as formas com que foram realizados os contatos, como conseguimos marcar as entrevistas e os cuidados tomados para evitar falhas que poderiam comprometer todo o andamento da pesquisa. No tópico seguinte explicitaremos os momentos marcantes da situação de entrevista, que é um dos mais importantes do trabalho com entrevistas orais, em que serão narradas as precauções tomadas, as dificuldades e as peculiaridades, bem como os momentos mais ricos da pesquisa.

Feito isso, partiremos para a análise das entrevistas, que tiveram como ponto comum o fato de que a maioria das pessoas que tinha uma relação direta com a elite eclesial procurava fazer uma narrativa que pode ser classificada como “discurso institucional”, tendo em vista a grande preocupação com a coesão Institucional e a harmonização das diferentes visões de mundo do papel da Igreja Católica para a vida social. Por último, faremos as considerações finais, no sentido de estabelecer relações entre os três tópicos para destacar os pontos mais relevantes do texto e, em última instância, da experiência com as entrevistas.

### **Contextualizando a pesquisa**

Como dito anteriormente, a pesquisa teve como objetivo principal a análise da atuação de grupos progressistas da Arquidiocese de Mariana durante o arcebispado de Dom Oscar de Oliveira (1960-1988), bem como o processo de transformações pelas quais passou a Instituição no sentido de tornar-se mais progressista na década de 1990. Essas transformações ocorreram em função da atuação de grupos leigos e padres da Arquidiocese e também pelo trabalho de Dom Luciano Mendes de Almeida, que chegou ao arcebispado em 1988.

O objetivo foi entender como, em um momento em que a cúpula da Igreja Católica procurava diminuir o ativismo político

Dialogando com a igreja Católica: fontes orais e discurso institucional

Fabício Roberto Costa Oliveira & Arnaldo José Zangelmi

Dialogando com  
a Igreja Católica:  
fontes orais  
e discurso  
institucional

Fabício Roberto  
Costa Oliveira  
& Arnaldo José  
Zangelmi

do catolicismo (na década de 1990), a Arquidiocese de Mariana se mostrava mais receptiva às ideias da Teologia da Libertação. A comparação, de um lado, das diferenciações dos “informantes” e, por outro, os resultados das análises dos documentos desvendaram concomitâncias entre ambos, permitindo-nos inferir ligações entre as fontes diferenciadas.

Essas fontes revelaram que os párocos da Arquidiocese de Mariana pensavam de forma diferenciada sobre o papel da religião na sociedade. Este fato já foi revelado por Mariz (2000), ao destacar que a nova questão de estudo do catolicismo parece ser antes a diversidade e pluralidade de estilos dessa religião do que o enfraquecimento da Igreja Católica, como se pensava.

Nesse sentido, podemos destacar também que os católicos oscilam entre as várias formas de pensamento. Löwy (1995) explicita os casos em que bispos conservadores se sensibilizavam com os problemas da população e acabavam tomando atitudes progressistas. Assim, acreditamos que o contrário também possa acontecer, o que reforça a ideia de que as atitudes dos religiosos são influenciadas pelo meio em que eles estão inseridos; isso deixa evidente que as ações religiosas conservadoras e progressistas não ocorrem num vácuo.

Dessa forma, para que uma paróquia ou até mesmo uma diocese, incorpore ideias progressistas e passe a agir de acordo com elas é necessário que a população as internalize e acredite em sua viabilidade. Isso significa que, embora seja importante a prática das lideranças religiosas no sentido de consolidar certas ideias, estas são insuficientes para mudar o pensamento religioso de uma grande população de católicos, se esta tem pouco interesse nas novas propostas.

A Arquidiocese de Mariana é um bom exemplo disso, pois poderia se acreditar que a saída de Dom Oscar de Oliveira, arcebispo de 1960 a 1988, reconhecidamente conservador, e a chegada de Dom Luciano, em 1988, quando esteve ligado aos setores progressistas da Igreja Católica, significariam

uma ruptura abrupta da trajetória conservadora da Arquidiocese em direção a um novo período, marcado por práticas progressistas.

Essa hipótese peca pela excessiva importância que dá a uma liderança religiosa e pela subestimação da importância da população, que seria então facilmente dominada pelas elites eclesiais e que seguiria cegamente os seus ditames. Assim, considera-se que, para que a Arquidiocese de Mariana tomasse posturas progressistas, seria necessária a convergência de diversos outros fatores, como o interesse da população, a atuação dos agentes pastorais, e um ambiente sociopolítico que possibilitasse a atuação progressista. Era importante a presença de Dom Luciano, porém a nossa hipótese é a de que essa presença era insuficiente para uma atuação progressista, pois acreditamos que esta necessitava de um público apto a receber as novas mensagens religiosas e disposto a veiculá-las pelo amplo território da Arquidiocese.

Assim, destacamos que a religiosidade se faz com a necessidade de ampla participação popular e que o poder hierárquico tem suas limitações, entretanto, a Igreja Católica tem como importante característica o poder centralizado, burocratizado e, muitas das vezes, autoritário (Boff, 1982). No tópico a seguir destacaremos teoricamente esses aspectos, para depois investirmos diretamente no nosso argumento, de que a necessidade de demonstração da Instituição Católica monolítica, com identidade definida e sem conflitos permeou as falas dos párocos entrevistados.

### **Breve debate sobre a Igreja Católica e seu caráter institucional**

Nosso trabalho se refere às transformações na Arquidiocese de Mariana; nesse sentido, é importante destacar que não se pode entender essa instituição como um organismo necessariamente monolítico. Isso porque,

*é conhecido de todos que, dentro da mesma Igreja, existem posições bastante divergentes no que se refere ao compromisso social dos cristãos. Assim, em muitas ocasiões, comunidades católicas atuam sem que o bispo ou o pároco esteja plenamente de acordo com o que*

*se faz. Outras vezes acontece o inverso: o bispo ou o pároco toma posições contrárias à opinião de grande parte da população* (HAMMES 2003, pp. 36-37).

A ideia exposta anteriormente pode ser estendida às divergências ideológicas entre os bispos e o Vaticano. Nesse sentido, se faz importante perceber que a Igreja Católica é muito heterogênea e, recentemente, essa diversidade parece se intensificar (MARIZ, 2000, p. 46). Na Arquidiocese de Mariana isso não é diferente, pois ela abarca padres e leigos com variadas formas de pensar o papel da religião na sociedade.

Apesar dessa pluralidade de opiniões e reflexões diante das questões sociais, a Igreja Católica continua primando pela necessidade da hierarquização. Embora segmentos progressistas<sup>4</sup> também buscassem uma “democratização” da Instituição, o poder hierárquico dos bispos acabava, paradoxalmente, sendo reafirmado, “justamente porque a ação pastoral se fazia em uma Igreja e uma sociedade hierárquicas e autoritárias, o peso da hierarquia foi vital para a disseminação da Teologia da Libertação” (NOVAES, 2002, p. 67).

Boff (1982) destaca que, em nível interno, o poder da hierarquia e as manifestações de autoritarismo na Igreja Católica têm pouco a perder para formas similares de dominação<sup>5</sup> existentes na sociedade civil. Ele salienta que um bispo pode dismantelar um trabalho de base de dezenas de comunidades e

*sem prévia discussão, transfere os párocos, literalmente expulsa de sua diocese (arqui) as religiosas, demite os agentes de pastoral leigos e deixa a comunidade perplexa. Não há a quem apelar, pois se trata de um comportamento de uma instância última* (BOFF, 1982, p. 83).

Assim se faz necessário respeitar a alta cúpula, pois ações hierárquicas devem ser vistas como “vontades”, “desejos” divinos – é essa a possibilidade de legitimação, explicação e justificação institucional.

*Entretanto, o divino no poder da Igreja-instituição é só de origem; seu exercício concreto pouco tem de divino, mas se processa na lógica de qualquer outro*

*poder humano, com todas as suas artimanhas* (BOFF, 1981, p. 91).

Nesse sentido,

*as organizações religiosas apresentam problemas complexos para os cientistas sociais, pois emergem de inspirações superracionais, mas geralmente desenvolvem preocupações com práticas e papéis institucionalizados, autopreservação e expansão* (MAINWARING, 1989, p.1).

Dessa forma, preza-se pela unidade, na Igreja Católica, é entendida como conformidade e uniformidade,

*o que impede de ver o conflito como sinal de variedade e de vida. Ele é degradado a elemento patológico, gerador de divisão e cisma. A solução simples e fácil é a eliminação. Típico de toda estrutura do poder é proceder aos cortes de tudo quando não se enquadra dentro do sistema* (BOFF, 1982, p. 90).

Boff (1982) vai além nas suas críticas ao afirmar que a Igreja-instituição funciona como uma grande multinacional, havendo o centro e a matriz, onde se tomam decisões ideológicas e estratégico-táticas (situa-se com o Papa e a Cúria ao seu redor), e as (arqui)dioceses correspondem a filiais implantadas pelo mundo, que são dependentes do Centro nas esferas teológica, pastoral, litúrgica, jurídica etc. Nessa perspectiva, o catolicismo tem se caracterizado como a mais institucionalizada e menos flexível das igrejas, enfatizando a unidade e a autoridade, bem como a necessidade de uma vasta estrutura organizacional para administrar um grande círculo de participantes (Mainwaring, 1989).

O caráter institucional da religião recebe especial atenção de Weber (1999), quando procura distinguir “culto” e “magia” e “sacerdotes” e “magos”, afirmando ser possível designar os “sacerdotes” como aqueles funcionários profissionais que, por meio da veneração, influenciam os deuses, em oposição aos magos, que forçam os “demônios” por meios mágicos.

*Ou então denominam-se ‘sacerdotes’ os funcionários de uma empresa, regular e organizada, visando a influência sobre*

Dialogando com a igreja Católica: fontes orais e discurso institucional

Fabício Roberto Costa Oliveira & Arnaldo José Zangelmi

*os deuses, em oposição à utilização individual e ocasional dos serviços do mago* (WEBER, 1999, p. 294).

Nessa perspectiva, Weber caracteriza os sacerdotes como capacitados por seu saber específico, sua doutrina regulada, qualificação profissional, em detrimento de outros que atuam em virtude do carisma, ou seja, não são institucionalizados, não carecem de uma ética ou de práticas religiosas sistematizadas. Assim,

*o sacerdote, como membro de um empreendimento de salvação com caráter de relação associativa, permanece legitimado por seu cargo, enquanto que o profeta, bem como o mago carismático, atua somente em virtude de seu dom pessoal* (WEBER, 1999, p. 303).

As afirmações de Mainwaring vão nessa mesma perspectiva quando se afirma que

*um postulado básico bem estabelecido pela análise institucional contemporânea e pelos estudos sociológicos clássicos diz que qualquer exame da Igreja e da política deve levar em consideração o caráter institucional da primeira* (MAINWARING, 1989, p. 15).

Temos, então, que considerar a tendência da Igreja Católica de proteger seus interesses institucionais como um elemento importante, principalmente no seu interesse de manter um grau de unidade e coerência, visto que a Instituição tem cooptado ou solapado movimentos sectários dentro do catolicismo.

Dessa forma, estamos de acordo com as ideias de Berger (1985), de que as instituições pretendem ter autoridade sobre os indivíduos e grupos sociais independentemente de suas significações subjetivas; além disso, muitos dos atores sociais católicos institucionalizados precisam ser “disciplinados”, como afirma Goffman (1985), já que precisam desenvolver um autocontrole capaz de lidar com divergências internas da melhor maneira possível.

Assim, à medida que se institucionalizam, as organizações religiosas tendem a apresentar preocupações com a autopreservação e expansão, além de se tornarem menos flexíveis (MAINWARING, 1989, pp. 17-22). Todo

esse debate em torno da “identidade do catolicismo”, em que pesem as características institucionais da Igreja Católica, serviu para pensarmos em como seria difícil encontrar fissuras, rachas, conflitos e divergências na Arquidiocese de Mariana, enfim, como seria o discurso dos párocos diante de tantos interesses de se manter a unidade e a coerência interna à Instituição. Nossa pesquisa revelou que muitas características católicas anteriormente colocadas apareceram nos discursos dos atores sociais diretamente engajados na Instituição.

Um exemplo pode ser pensado pelas falas de Dom Luciano. Começamos pela sua forma de interpretar o Evangelho, relacionando-o ao contexto local e às injustiças e desigualdades sociais:

*Na base de tudo está o Evangelho, que é claro é exigente em si mesmo. A Igreja está no mundo onde os desafios são múltiplos. É a questão da paz, do desarmamento, do diálogo entre as religiões, da ecologia, das tensões raciais, dos choques culturais e das desigualdades e injustiças sociais. O cristianismo tem que se preocupar com tudo isso* (O ARQUIDIOCESANO, ANO XXXI, 1989).

No entanto, essa postura diferenciada de Dom Luciano dificilmente era explicitada como contraste ou oposição em relação aos postulados tradicionais da Igreja Católica, exprimindo uma conformidade institucional:

*Em sua primeira entrevista após retornar de Roma, onde foi recebido durante meia hora pelo Papa João Paulo II, o Presidente Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida negou que esteja havendo uma campanha do Vaticano contra a ala progressista da Igreja Brasileira. Garantiu que sua conversa foi cordial e disse ter notado que João Paulo II tem apreço pelo Bispo de São Felix do Araguaia (MT), D. Pedro Casaldaglia que recentemente recebeu uma carta de advertência da Santa Sé. (ANO XXX – 06 de Novembro de 1988 Transcrita do Jornal O Globo).*

Essa tentativa de amenizar contrastes extravasava também para o argumento da

Dialogando com a Igreja Católica: fontes orais e discurso institucional

Fabício Roberto Costa Oliveira & Arnaldo José Zangelmi

adequação das diferentes posturas à contextos diferenciados, o que

**Pergunta:** O Arcebispo de Mariana foi considerado um autêntico representante da ala conservadora da Igreja, enquanto o Senhor sempre foi identificado como um progressista dentro da instituição. A vinda do Senhor significa uma mudança de mentalidade na direção da Arquidiocese?

**Dom Luciano:** Em primeiro lugar, peço licença para aceitar a pergunta, mas não aceitar o adjetivo que foi empregado em relação a quem aprendi desde logo a estimar e que me acolhe com muita amizade e que há de me dar muito de sua experiência. O certo é que o embate e a vida em São Paulo abriu campo para um tipo de serviço que não é exatamente o que foi necessário em outras áreas do Brasil. São Paulo hoje é a grande cidade desafio com populações empobrecidas, com grande dificuldade de acesso ao trabalho, com insuficiência de salários e de promoções indispensáveis à dignidade da vida, como educação, saúde, transporte e abastecimento. Não é o caso de Mariana (O Arquidiocesano. Ano XXIX, 1988: Material reproduzido do jornal Estado de Minas).

### Contatos e precauções

Segundo Queiroz (1983), o propósito de qualquer pesquisa é o de esclarecer a dúvida, descobrir o que está oculto e conhecer o que se ignora. A partir da definição desses fatores é que se faz pertinente a escolha da maneira de coletar os dados da pesquisa, no intuito de dar respostas às questões propostas. Nesse sentido, entrevistas orais têm se mostrado pertinentes em muitas pesquisas, seja como única fonte de dados ou como fonte complementar que dialoga com outras.

Quando se trabalha com essa metodologia, o primeiro grande desafio é a escolha de um entrevistado<sup>6</sup> que tenha relação importante com o tema proposto e possa relatar o conhecimento que possui. Para Queiroz, a primeira e mais importante necessidade do pesquisador é a de escolher informantes válidos, que, para ela, é *aquele que se supõe de antemão que possua uma vivência que se procura conhecer* (QUEIROZ, 1983, p.99).

A respeito da escolha do entrevistado:

*quando se trata de gente de suas relações imediatas, raramente há surpresas, pois foram distinguidos aqueles que realmente têm muito o que relatar sobre o período escolhido, no entanto, quando são indicados por outrem, o resultado pode ser decepcionante, ou ainda pelas falta de informações ou pela brevidade das narrativas, ou ainda pela inúmeras divagações do informante, saindo fora do período que se desejaria esclarecer.* (QUEIROZ, 1983, p.5).

Na citação, Queiroz (1983) se refere à questão do período em que o entrevistado deveria narrar, do marco temporal, mas isso vale também para o assunto a ser pesquisado. Quando o entrevistado é indicado, o entrevistador não pode perder de vista que aquele que indica pode ter uma visão do indicado que não corresponde à realidade. Assim, o entrevistador deveria se preocupar em não incorporar as pressuposições daquele que indicou.

Essas informações nos trouxeram esclarecimentos importantes. O primeiro deles é que as entrevistas poderiam contribuir muito para a pesquisa. Em segundo lugar, seria importante um conhecimento prévio de alguns possíveis entrevistados. Por fim, teríamos uma dificuldade inicial de “mapear” o campo de pesquisa, ou seja, saber quem seriam as pessoas mais indicadas para informar de modo mais consistente aquilo que procurávamos.

Assim, precisaríamos de muito cuidado na busca de “informantes válidos” e na forma da abordagem desses atores. Diante disso, chegamos à conclusão de que a primeira aproximação seria com dois padres da Arquidiocese de Mariana que já os conhecíamos. Nossa pressuposição era de que o fato de já os conhecer facilitaria a indicação de outros padres e leigos para futuras entrevistas, o que foi confirmado, haja vista a forma receptiva e informal com que fomos recebidos.

Assim, foram indicados vários nomes que poderiam nos ajudar para darmos respostas à nossa problemática de pesquisa. Desde o

Dialogando com a igreja Católica: fontes orais e discurso institucional

Fabício Roberto Costa Oliveira & Arnaldo José Zangelmi

início, entretanto, pudemos perceber que não conseguiríamos tão facilmente as melhores informações para nossa pesquisa e que teríamos que tomar uma série de cuidados na abordagem dos atores sociais, porque, dependendo da forma com que esta fosse feita, nossa pesquisa iria por “água baixo”, pois seria difícil as pessoas revelarem questões polêmicas da Instituição a uma pessoa, na maioria dos casos, desconhecida.

Percebemos isso de forma mais evidente quando o padre Douglas<sup>7</sup>, logo no início da entrevista disse a respeito do arcebispo, Dom Oscar, que dirigiu a Arquidiocese de 1960 a 1988: *o que eu posso te dizer é que o Dom Oscar tinha uma grande preocupação com a parte litúrgica e via no comunismo uma grande ameaça da fé cristã*. Com essa frase, percebemos que tudo o que os padres me afirmassem passaria por “um filtro” e todas as informações que pudessem complicá-los ficariam retidas e consequentemente, não teríamos acesso a elas.

O fato de termos estabelecido uma prévia relação de confiança com os dois padres de Mariana nos facilitava na forma de abordagem, até mesmo por telefone, pois através deles sabíamos de antemão: dos trabalhos realizados, das relações de amizade, das relações com os arcebispos e um pouco do pensamento político dos futuros entrevistados. Evidentemente, não poderíamos encampar todas as informações passadas pelos dois padres, pois este era um ponto de vista entre muitos outros possíveis.

Depois dos contatos e de agendadas as entrevistas, partíamos para a elaboração dos roteiros, os quais foram elaborados de acordo com os entrevistados, uma vez que entre eles havia pessoas das mais diversas características, em que se pode destacar: a posição que ocupa e ocupava na Arquidiocese, o tempo em que estava na Instituição, a paróquia em que trabalhava. Enfim, os roteiros foram elaborados de acordo com a particularidade de cada entrevistado, mas sem perder de vista que eles tinham como ponto comum o objetivo de trazer à tona os dados relevantes para a nossa problemática de pesquisa.

Aqui se faz importante destacar também que, apesar de partirmos para as entrevistas com um roteiro pré-elaborado, sempre que havia necessidade de lançar mão de perguntas que fugiam do roteiro, assim o fazíamos. Dessa forma, partimos do pressuposto de que o papel do roteiro não é “engessar” o entrevistador, mas sim de facilitar o trabalho. No entanto, precisávamos nos conter nessa flexibilidade, diante do fato de que qualquer deslize faria com que nos deparássemos com as “normas” do que falar e do que dizer quando se está em volta de uma estrutura institucional hierarquizada.

### **Os contextos de entrevista**

O contato com o entrevistado e a relação de entrevista foram os pontos mais complexos e também os mais interessantes da pesquisa porque surgiam informações que eram realmente surpreendentes para nós e complexo pelo fato de termos que tomar o máximo de cuidado com as perguntas e com as reações às respostas dos entrevistados, fatores importantes numa relação de pesquisa, já que esta nem sempre se dá de forma facilitada. Diante disso, estamos de acordo com a afirmação de que:

*A relação de pesquisa entre pesquisador e pesquisado é um dos pontos mais ricos na experiência com a história oral. Esta relação, em um contexto de geração de documentos, tem dado sua importante colaboração ao relativizar posturas mais rígidas sobre a separação entre sujeito e objeto no campo da pesquisa. Grande parcela da força deste procedimento vem do fato de que o uso do testemunho oral possibilita aos pesquisadores o acesso a perspectivas e nuances que podem estar fora do seu alcance a partir de outras fontes documentais (SANTANA 2000, p. 35).*

Nesse sentido, pode-se destacar também que a relação de pesquisa se distingue da maioria das trocas da existência comum, tendo em vista que o objetivo dessa relação social, na maioria das vezes, tem por fim o mero conhecimento. Por isso, não há o objetivo de exercer violência simbólica que afete as respostas do entrevistado, mas a boa vontade e

Dialogando com  
a igreja Católica:  
fontes orais  
e discurso  
institucional

Fabício Roberto  
Costa Oliveira  
& Arnaldo José  
Zangelmi

o mero desejo do pesquisador são insuficientes para eliminar as distorções na relação de pesquisa (BOURDIEU, 1997, p. 694).

Na verdade, essas distorções da relação de pesquisa são impossíveis de serem eliminadas; o que pode acontecer é que elas sejam reconhecidas e dominadas; e isso na própria relação de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica (BOURDIEU, 1997, p. 694). Simplificando, a solução do problema das distorções da situação de entrevista é fazer uso reflexivo dos conhecimentos da ciência social no sentido de controlar os efeitos da pesquisa, buscando dominar os efeitos inevitáveis das perguntas.

Para Bourdieu, o sonho positivista da inocência epistemológica

*oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente.* (BOURDIEU, 1997, pp. 694-695).

Dessa forma, o pesquisador deve, no intuito de compreender melhor seu trabalho, procurar esclarecer melhor o sentido que o “pesquisado” faz da entrevista, da relação que se estabelece entre ele e o “pesquisado”, buscando entender as razões que o levaram a participar da entrevista. Assim, o pesquisador deve buscar medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa percebida e/ou interpretada pelo pesquisado e a finalidade do trabalho que ele tem em mente. Feito isso, ele pode tentar reduzir as distorções resultantes da situação de pesquisa e também pode compreender o que o pesquisado podia e não podia ter dito, e o que impedia de dizer certas coisas e encorajado a dizer outras (BOURDIEU, 1997, p. 695).

Essas considerações de Bourdieu foram muito úteis para percebermos a desconfiança dos padres quanto ao que faríamos com

as entrevistas, pois, certamente, na visão de muitos deles poderíamos utilizar a entrevista como uma forma de “denúncia” e colocá-los numa situação institucionalmente difícil. A partir dessa constatação, procurávamos aumentar a confiança dos padres, afirmando que poderíamos nos utilizar de pseudônimos caso eles considerassem necessário. Dessa forma, precisávamos estar cientes da melhor maneira de agir para obtermos as respostas desejadas.

Com um deles, entretanto, todas as tentativas foram frustradas. Quando chegamos para entrevistá-lo afirmou que não conseguiríamos entender de uma Arquidiocese e que só de padre ele tinha cinquenta anos. O argumento deste padre, para não falar sobre sua experiência na Arquidiocese, era de que não poderia falar de tudo o que sabia e que, para tratar de uma “historinha de água com açúcar”, preferiria não falar. Afirmou inclusive que, se fosse para falar de sua história de vida na Arquidiocese para nós, escreveria um livro de memórias, e que só não faz isso porque desagradaria muita gente e não escreveria um livro de “meias verdades”. Assim, este ator social deixa evidente que muito do que se sabe ou do que se tem vontade de dizer não deve ser dito. Neste caso, o padre prefere ficar calado e não escrever nada, a redigir sobre a história da Arquidiocese com o maior cuidado e escrever com muitas ressalvas.

Diante desta e outras dificuldades, acabamos utilizando outra estratégia de grande valia: perguntar sobre a trajetória dos padres e a vida deles na Igreja Católica. Mostrar-se interessado por isso era sempre uma estratégia importante para que os entrevistados se soltassem durante a entrevista e tratassem de questões de que só falariam com pessoas com as quais já tinham uma relação de amizade. Essa relação de proximidade com o entrevistado, na maioria das vezes, ajuda.

Percebíamos isso quando entrevistávamos dois padres pela segunda vez – foram as entrevistas em que nos sentimos mais à vontade. Essa estratégia também se mostrou eficaz no trabalho de Santana (2000),

Dialogando com a igreja Católica: fontes orais e discurso institucional

Fabício Roberto Costa Oliveira & Arnaldo José Zangelmi



Dialogando com  
a igreja Católica:  
fontes orais  
e discurso  
institucional

Fabício Roberto  
Costa Oliveira  
& Arnaldo José  
Zangelmi

quando entrevistava um grupo de militantes operários do Rio de Janeiro que sofreram perseguição pela ditadura militar. Pedindo aos entrevistados que falassem de sua infância, sobre a origem familiar, enfim, sobre a vida deles, o pesquisador conseguia ‘quebrar’ algumas resistências e melhorar o relacionamento com o entrevistado, o que redundava na obtenção de mais informações para seu estudo.

Outro fator colaborador para o sucesso da relação de pesquisa foi o fato de termos lançado mão de perguntas abertas, que davam aos entrevistados a possibilidade para que narrassem aquilo que considerassem importante e não ficassem presos naquilo que queríamos, pois ir sempre direto ao ponto de nosso interesse poderia “fechar as portas” para uma entrevista bem sucedida.

Isso pode acontecer, principalmente num contexto em que o pesquisador na ansiedade de encontrar respostas para seu problema de pesquisa, pode lançar mão de perguntas que já direcionam a resposta. Assim, em vez de uma valorizada espontaneidade do entrevistado, obtém-se um relato forçado pelo entrevistador, que, ingenuamente, acredita estar buscando os dados de que necessita de forma mais objetiva, como afirma Queiroz:

*o documento bem colhido é aquele que em que a intervenção do pesquisador foi mínima, quando na verdade trata-se de histórias de vida e de depoimentos pessoais (QUEIROZ, 1983, p. 93).*

### **O discurso institucional**

Um dos fatos mais marcantes da pesquisa foi a constatação de que os padres, de forma geral, procuram encobrir diferenças e/ou divergências internas à instituição, principalmente quando dão entrevistas que poderão ser publicadas. Estamos de acordo com as afirmações de Boff (1982), de que a Igreja procura emergir, ou se mostrar, como uma totalidade homogênea e fortemente coerente, que possui códigos morais bem definidos e formas de poder, com o peso de séculos, fortemente centralizadas e controladas por um corpo de peritos – a hierarquia.

No sentido de evitar “constrangimentos” à hierarquia, os atores sociais investiam em filtrar o discurso. Pôde-se perceber que, mesmo questões que já tinham sido tratadas nos jornais da década de 1990, ou seja, já eram públicas, eram evitadas pelos padres. As críticas feitas pelos jornais a alguns entrevistados, quanto ao pouco empenho da hierarquia na criação de Comunidades Eclesiais de Base, não eram tratadas assim por muitos padres.

Nessa mesma perspectiva de autoproteção diante da Instituição, muitas vezes, conseguimos mais dados quando não gravávamos a entrevista<sup>8</sup> e quando fazíamos mais de um encontro com o religioso, pois assim o entrevistado adquiria certa amizade e/ou admiração pelo interesse do pesquisador, o que facilitava o trabalho de pesquisa. Diante disso, percebíamos que estávamos inseridos num jogo de informações, num *ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas* (GOFFMAN, 1985, p. 17).

Percebíamos que, em muitos momentos, com o gravador e com pouca relação de confiança com o religioso o acesso aos dados era dificultado. Nesse sentido, ficou claro que a atuação como padre da Instituição não lhes permitia dizer tudo o que sabiam ou desejavam, pois isso poderia comprometê-los, por isso estavam sendo precavidos e cautelosos, usando de um discurso trancado, construído e controlado, o que nos lembra a afirmação de que *as instituições estão aí, exteriores a ele, persistentes em sua realidade, queira ou não* (BERGER, 1985, p. 86).

A expressão utilizada por um dos entrevistados: “o que eu posso te dizer” reflete bem esse posicionamento dos religiosos. Pudemos perceber isso também quando um entrevistado perguntou “tá gravando?”, imediatamente desligamos o gravador e ele disse “agora eu posso falar”, este fato nos revelou uma *completa necessidade institucional de conduta* (BERGER, 1985, p. 104). A partir disso, ele narrou acontecimentos “sigilosos” diante da Instituição e de grande importância para a pesquisa, mas, como afirma Goffman (1985), em esferas burocratizadas os atores sociais

tendem a estabelecer definições favoráveis ao meio em que estão inseridos.

Diante disso, acreditamos que muitos padres gostariam de falar mais a respeito dos acontecimentos da Arquidiocese de Mariana, porém devido à desconfiança do que poderíamos fazer com os dados e com a possibilidade de receberem algum tipo de restrição institucional, acabaram não se aprofundando em assuntos polêmicos, na perspectiva de respeitarem a ordem institucional que dita uma necessidade de conduta; assim,

*quanto mais a conduta é julgada certa e natural, tanto mais se restringirão as possíveis alternativas dos 'programas' institucionais, sendo cada vez mais predizível e controlada a conduta* (BERGER, 1985, p. 89).

Mesmo com o padre Flávio, com quem já tínhamos construído certa proximidade, a receptividade a perguntas sobre o período em que Dom Oscar era arcebispo (1960-1988) foi também no sentido de preservar a si e a Instituição, afirmando que nem as CEBs nem a Teologia da Libertação se fizeram presentes de forma consistente na Arquidiocese: *mas nem por isso se deixou de valorizar aquilo que existia, que era a religiosidade popular, as procissões, as festas, manifestações populares.*

A ideia deste padre era de que deveríamos falar do presente. Nesse momento, sentíamos que falar da trajetória da Arquidiocese no período de Dom Oscar era incômodo para ele. De qualquer forma, mostrou-se simpático ao trabalho e também indicou pessoas interessantes para a pesquisa. Nessa problemática, a assertiva de Bourdieu (1997) nos ajudou muito, ao afirmar que o pesquisador deveria buscar, pensar e refletir sobre a distância entre a finalidade da pesquisa percebida e/ou interpretada pelo pesquisado e a finalidade do trabalho que ele tem em mente. Feito isso, ele pode tentar reduzir as distorções resultantes da situação de pesquisa e também pode compreender o que o pesquisado podia e não podia ter dito, o que impedia de dizer certas coisas e encorajado a dizer outras (BOURDIEU, 1997, p.695). Compreendendo isso, o pesquisador já estaria dando

um passo importante à frente no sentido de entender melhor a situação de entrevista, tendo em vista que ele pode, a partir da compreensão do outro, repensar os vieses que possam surgir da relação de entrevista.

Essa dica de BOURDIEU (1997) foi relevante porque os padres tinham muito receio de falar de discordâncias internas e de posições políticas diferenciadas dentro da Arquidiocese para uma pessoa desconhecida da maioria deles, que só conheceram no momento da entrevista. Além disso, os padres, em geral, procuram ser neutros e evitar assuntos polêmicos, buscando 'levar' a entrevista para aspectos religiosos de conhecimento comum de toda a população. Tais atitudes revelam o interesse do episcopado, em geral, de manter a unidade entre os católicos; por mais que individualmente pensem de forma diferenciada e sejam sujeitos ativos desse pensar, eles estão "institucionalizados".

A institucionalização, que para Berger (1986) significa controle social, na Igreja Católica ocorre desde os momentos de formação, que se realiza em escolas especializadas,

*cuja ideologia era estritamente controlada por um aparelho burocrático e cujos professores eram escolhidos por sua ortodoxia, sua lealdade e seus conhecimentos do corpo doutrinal* (BOFF, 1982, p. 92).

Para entrevistar pessoas vivendas de tais formações, precisamos de estratégias.

Assim, estratégias tais como começar a entrevista pela trajetória do entrevistado na Igreja Católica ou com assunto do cotidiano da localidade nos foram muito úteis, como também no trabalho de Santana (2000), muito embora o público e a problemática de pesquisa fossem bem diferentes. Em nosso caso, a estratégia se mostrou eficaz porque em algumas entrevistas conseguimos "quebrar" o "discurso institucional", transformando a entrevista num momento mais informal, que acabava por redundar em informações mais ricas, espontâneas e enriquecedoras da pesquisa.

Os momentos de entrevista, tanto formais quanto informais, relevam a importância da História Oral, por permitir que sejam expostas formas de pensamento não oficiais. A His-

Dialogando com  
a Igreja Católica:  
fontes orais  
e discurso  
institucional

Fabício Roberto  
Costa Oliveira  
& Arnaldo José  
Zangelmi

tória Oral pode alcançar frações da memória não explícitas ou publicadas, mas que têm grande relevância para o entendimento das várias interpretações sobre a realidade, presentes num mesmo universo cultural.

Pollak (1989) fala da existência, em alguns contextos opressivos, de uma memória subalterna, que se transmite “via silêncio”. Essa memória – impossibilitada de se exprimir publicamente, clandestina e diferente da memória oficial – se transmite oralmente por entre os núcleos familiares e de amizade. Para ser suprimida, ela passa por um processo de “enquadramento da memória”, no qual é ocultada por um quadro de referências que visa a justificação, na dinâmica política da sociedade. Esse enquadramento se alimenta do material fornecido pela História e é articulado num sem número de referenciais dentro do jogo de forças políticas, buscando a coerência no discurso. Esse processo é levado a cabo por “atores profissionalizados”, profissionais da história das organizações. Eles estruturam o discurso, padronizam, selecionam seus principais expositores, etc. (Pollak, 1989).

No entanto, como esse autor salienta, muitas vezes as tensões, não encontrando fortes referências nessa memória enquadrada, extrapolam, ganham visibilidade e força. Isso ocorre, principalmente, pela rearticulação do jogo de forças e mudança na realidade política dessas pessoas. Nesses momentos de crise, a ligação original com o passado pode ser rearticulada.

O indivíduo, como coloca Pollak (1989), controla como pode a tensão entre o oficial e o subalterno, num “equilíbrio precário”, muitas vezes se vendo em contradições e impasses.

Nesse mesmo sentido, Alessandro Portelli (2002) recupera o conceito de “memória dividida” ao enfatizar a existência, entre as pessoas de Civitella, de duas memórias: uma memória oficial e outra subalterna.

Assim, ele acrescenta que essa memória oculta é formada no decorrer de inúmeras ocasiões narrativas. Devemos, portanto, relacionar os fatos e suas construções narrativas, procurando compreender suas arti-

culações e contradições de diferentes formas de lembrar.

No nosso estudo, o lembrar dos párocos se direcionava para os acontecimentos mais amenos. O objetivo dos atores de direcionar para esses eventos revelava algo a não ser dito, mas com a criação de certa empatia, essa lembrança resguardada tinha maior potencial de vir à tona, sobretudo em momentos mais informais. Fica evidente a existência de um discurso mais oficial e outro mais subalterno, que necessitava de um processo de “negociação” para vir à tona. Vale ressaltar, que um discurso subalterno pode se tornar oficial no devir histórico. Na Arquidiocese de Mariana, por exemplo, com a chegada de Dom Luciano ao arcebispado, alguns temas e assuntos, antes pouco frequentes nos jornais, vieram à tona.

### **Considerações finais**

A entrevista oral, como opção metodológica, mostrou-se eficaz para a realização de nossa pesquisa, embora tenhamos percebido que para trabalhar com essa metodologia, principalmente com padres que fazem parte de uma instituição hierárquica como a Igreja Católica, faz-se necessário mais de uma entrevista com cada ator social e também a construção de uma prévia relação de confiança com este, o que na maioria das vezes não conseguimos fazer, devido à escassez de tempo.

Foi possível também percebermos que a entrevista oral exige cuidados que merecem grande atenção, antes mesmo de fazermos contato com o possível entrevistado, porque essa abordagem pode ser um fator de grande relevância para o sucesso da entrevista. Esse cuidado deve ser seguido durante a entrevista, pois qualquer reação de ansiedade e/ou grande precipitação poderia desembocar numa entrevista sem êxito.

Para que obtivéssemos êxito, era preciso quebrar a “barreira” ou “gelo” entre nós e o entrevistado, por isso procurávamos de todas as formas estabelecer relações de confiança, porque ao longo da pesquisa estávamos percebendo que os padres tinham

uma linha comum de narrativa que se enquadrava naquilo que chamamos de “discurso institucional”, por procurarem encobrir diferença e/ou divergência entre os padres e os problemas institucionais.

Dessa forma, duvidamos das perspectivas de que as fontes orais revelam mais espontaneidade que a escrita; acreditamos mais na ideia de que as pessoas pensam e repensam naquilo que podem e devem dizer, no mesmo sentido que políticos escrevem e reescrevem seus discursos.

Esse fato não é algo muito surpreendente, primeiramente porque não tínhamos uma inserção entre os religiosos para que fossem mais explícitos ou mais “abertos” em suas falas. Acreditamos também que essa não é uma especificidade da Igreja Católica. O fato de as pessoas estarem inseridas em uma

instituição ou em um meio do qual depende a sobrevivência e a vida social, acaba por gerar esse tipo de discurso, muitas vezes encobrindo nuances de grande relevância para o pesquisador. Por isso, não acreditamos numa especificidade católica e sim que em partidos políticos, universidades, sindicatos e outras organizações sociais constrói-se perspectivas discursivas similares.

No caso da Igreja Católica, como vimos, o caráter Institucional é bastante acentuado, o que se revelou nas falas dos entrevistados. Isso se deve ao fato que há anos de formação ressaltando a necessidade do respeito e da obediência à hierarquia. O desejo do bispo deve ser visto como um interesse divino. Assim, em última instância, desafiá-lo significa questionar Deus, algo que um “bom religioso” jamais deve fazer.

Dialogando com  
a igreja Católica:  
fontes orais  
e discurso  
institucional

Fabício Roberto  
Costa Oliveira  
& Arnaldo José  
Zangelmi

## Notas

<sup>1</sup> A análise documental consiste em uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionadas (Richardson 1985: 182) às questões propostas pela pesquisa.

<sup>2</sup> Na História Oral, pesquisador e depoente “produzem” a fonte (depoimento) no processo intersubjetivo da entrevista. Apesar de História Oral, desde seu surgimento, receber críticas por trabalhar com essas “fontes provocadas” (Cruikshank, 2002), considera-se aqui que essa situação, se acompanhada da discussão metodológica cabível, não compromete a validade das informações coletadas.

<sup>3</sup> A Teologia da Libertação pode ser entendida como um campo coerente de ideias religiosas que emergiram, no final da década de 1960, na América Latina. Segundo suas ideias, o papel da Igreja é melhor viabilizar a promoção social e a justiça econômica (Smith, 1991).

<sup>4</sup> Sobre progressista, pode-se dizer que se refere a católicos que optam por uma prática religiosa e um discurso que pode ser associado à Teologia da Libertação (MARIZ, 2001, p.20).

<sup>5</sup> Uma revisão da literatura interessante nessa perspectiva é o estudo de Da Matta (1996), quando destaca autores clássicos tratando de tal assunto, começando por NITZCHE (1976, p. 53), para quem a Igreja é antes de qualquer coisa um edifício de dominação. WEBER (1982, p. 331) definiria a Igreja como uma forma de institucionalização (ou, para ser mais exato, burocratização) do sagrado; o que levaria

BOURDIEU (1992,p.72), ainda que partindo de um referencial de análise mais amplo, a propor que uma instituição como a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política (DA MATTA 1996, p. 151).

<sup>6</sup> Aqui, as denominações de entrevistado e entrevistador têm mais um sentido de esclarecimento de quem são os atores do que serem uma classificação rígida, pois partimos do pressuposto de que a relação de entrevista tem muito mais uma relação de troca do que uma relação de entrevistador/entrevistado ou informado/informante. Assim, os termos pesquisador, pesquisado, entrevistador e entrevistados serão utilizados apenas para fins eurísticos, tendo em vista que esses papéis são negociados e podem ser invertidos entre os atores.

<sup>7</sup> Padre Douglas é um pseudônimo, assim como o de todos os outros padres e atores sociais citados neste trabalho, quando for nome verdadeiro, será ressaltado. Com este padre realizamos duas entrevistas; ele foi um grande facilitador da pesquisa, indicando outros atores sociais importantes, e tem uma boa relação com o atual arcebispo, dirigido por Dom Luciano Mendes de Almeida, ocupando inclusive um cargo importante na direção do seminário da Arquidiocese de Mariana.

<sup>8</sup> Evidentemente, podem-se perder informações importantes sem a gravação da entrevista, tendo em vista que se pode esquecer de dados importantes, o que não acontece quando se utiliza do gravador.

Dialogando com  
a Igreja Católica:  
fontes orais  
e discurso  
institucional

Fabício Roberto  
Costa Oliveira  
& Arnaldo José  
Zangelmi

## Referências Bibliográficas

- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- CRUIKSHANK, Julie. *Tradição oral e história oral: revendo algumas questões*. In: DA MATA, Sérgio. **Sacralização da política, politização do sagrado (quando a Igreja se descortina)**. *Varia História*, Belo Horizonte, nº. 16, p. 142-154, Setembro de 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- HAGUETE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HAMMES, Roque. *Igreja católica, sindicatos e movimentos sociais: quarenta anos de história projetando luzes para a defesa e a promoção da vida na região*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MAINWARING, Scott. *A igreja e a política no Brasil (1916-1985)* Brasiliense, 1989.
- MARIZ, Cecília Loreto. *Uma análise sociológica das religiões no Brasil: tradições e mudanças*. **Cadernos Adenauer 9: Fé, vida e participação** – São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, novembro, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Católicos da libertação, católicos renovados e neopentecostais*. *Cadernos CERIS* nº. 2, outubro, 2001.
- MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de história oral*. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- QUEIROZ, Maria Isaura de. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. CERU: São Paulo, 1983.
- NOVAES, Regina. *Crenças religiosas e convicções políticas: crenças e passagens*. In: "Política e cultura, século XXI". Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. **Estudos Históricos**, nº. 10. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Memória, esquecimento, silêncio*. **Estudos Históricos**, nº. 3. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana [Toscana: 29 de julho de 1944]: mito, política, luta e senso comum*. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1985.
- SANTANA, Marco Aurélio. *Militância, repressão e silêncio: relato de uma experiência com a memória operária*. *Revista Brasileira de História Oral*, n.3. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2000 pp. 35-47.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva* (v. 1). Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.